
EUCLIDES NETO

HISTÓRIA
DE CAÇADOR



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

A COLEÇÃO PEQUENAS OBRAS PRIMAS foi concebida para selecionar textos brasileiros e estrangeiros da mais alta qualidade; capazes de despertar e prender a atenção dos leitores que apreciam a simplicidade de uma história bem contada e sobretudo bem escrita.

Como são escolhidas narrativas curtas, em poucas páginas e breves minutos o leitor sairá desse mundo fantástico com a certeza de ter desfrutado de um dos momentos essenciais da literatura, através de um livro pequeno no tamanho mas de excepcional grandeza na qualidade.

Como se vê, o objetivo aqui visado é contribuir para o prazer do hábito de leitura, num momento de expansão dos meios comunicativos multivisuais.

Euclides Neto

HISTÓRIA
DE
CAÇADOR

(Conto)

Seleção, organização e notas
de Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Coleção
Pequenas Obras Primas

CONSELHO EDITORIAL:
Cid Seixas (UFBA | UEFS)
Denise Teixeira (LITERA)
Maria Luíza Nora (UESC)
Vitor Hugo Martins (UNEB)
(In Memoriam)

Copyright 2018 Euclides Neto
Tipologia Original Garamond, 15
Formato 12 x 20 cm.
Número de Páginas: 22

Endereços deste e-book:
www.e-book.uefs.br/euclides_netto
www.linguagens.ufba.br
<http://issuu.com/e-book.br/docs/5euclides>

O MELHOR DA LITERATURA

Cid Seixas

A obra de Euclides Neto tem como cenário a região cacauceira, no Sul da Bahia. Nascido em Ubaíra, em 1925, viveu em Ipiaú, onde escreveu a maior parte dos seus livros, cuja temática valoriza a fala rude e os costumes dos trabalhadores da roças de cacau.

Em 1946 publica seu primeiro livro, cuja obra chega a quase vinte volumes. O uso da linguagem da região levou o autor a publicar um pequeno

dicionário, de termos antigos e novos usados pela gente do lugar, ao qual denominou modestamente de *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores*.

Os contos e romances desse autor, falecido no final do século passado, já foram objeto de estudo em dissertações de mestrado e teses de doutorado, em várias universidades brasileiras.

Para inaugurar a presente coleção, foi escolhido um pequeno conto da sua autoria, que envolve o leitor do princípio ao fim, deixando-o em estado de êxtase ao se deparar com a morte de um velho caçador que, preso ao leito, realiza seu derradeiro desejo: uma bela caçada, acompanhado por Surubim, o seu fiel cão de todas as aventuras vividas e sonhadas.

Mas esse mesmo leitor, diante da morte e seus mistérios, experimenta

idêntica sensação de incerteza, fantasia e absurdo, vivida pelos dois personagens da história, o velho Clemente e seu cão Surubim.

Enfim, incerteza de como se deram os maravilhosos acontecimentos experimentados por eles e por nós, tocados e aprisionados pelos últimos segredos da vida que se esvai.

o o o

A Coleção **PEQUENAS OBRAS PRIMAS** foi concebida para publicar em *e-books* – que mais se assemelham, pela reduzida dimensão, a simples folhetos – textos brasileiros e estrangeiros da mais alta qualidade. Obras capazes, portanto, de despertar e prender a atenção dos leitores que apreciam a simplicidade de uma história bem contada e, sobretudo, bem escrita.

A arte da leitura, hoje em evidente declínio, por reservar ao leitor o papel de sujeito consciente e senhor de destinos, é o ponto de chegada.

Veja-se que, diferentemente do mero expectador da televisão, o leitor do bom texto literário é quem constrói os significados. A aparência dos personagens, seus trajes e trejeitos não são vistos por entre as palavras. Os cenários onde as coisas acontecem são também construídos na mente de quem lê um livro. Desse modo, o leitor se distancia do expectador e se torna um artista, um criador, que reinventa o que foi escrito.

Como são escolhidas narrativas curtas para esta Coleção, em poucas páginas e em breves minutos o leitor sairá deste mundo fantástico com a certeza de ter desfrutado de um dos momentos essenciais da literatura, através de um livro pequeno no ta-

manho mas de excepcional grandeza na qualidade.

O objetivo aqui visado é contribuir para o prazer do hábito de leitura, num momento de expansão dos meios de comunicação multivisuais.

LIVROS DE EUCLIDES NETO

LIVROS IMPRESSOS

- 1 Berimbau (1946)
- 2 Vida Morta (1947)
- 3 Os Magros (1961)
- 4 O Patrão (1978)
- 5 Comercinho do Poço Fundo (1979)
- 6 Os Genros (1981)
- 7 64: Um Prefeito, a Revolução
e os Jumentos (1983)
- 8 Machombongo (1986)
- 9 O Menino Traquino (1994)
- 10 A Enxada (1996)
- 11 Dicionareco das Roças de Cacau
e Arredores (1997)
- 12 Trilhas da Reforma Agrária (1999)
- 13 O Tempo é Chegado (2001)

E-BOOKS

- 14 A última Caçada (2017)
- 15 O Advogado e o Burro Ladrão (2017)
- 16 Cinco Histórias da Roça (2017)
- 17 O bocado não é para quem faz (2017)
- 18 História de Caçador (2018)

A ÚLTIMA CAÇADA

Sentiram o lampejo no olhar um do outro. Entenderam-se tão bem que não precisaram de palavras. Quem seria mais amigo? Dizem que o cão é mais leal que o dono. Não entre o velho Clemente e Surubim. Empatavam sinceridade. Bastou aquele olhar amoroso para que puxassem uma longa conversa, lembrando caçadas.

Há seis anos viviam no mesmo quarto. O velho em cima da cama, entrevado de uma banda pela doença-do-tempo-que-passou, padecendo

seus dias que iam escorrendo dolorosamente. Se estiava, levavam-no a quentar sol no peitoril, sua única distração. Assim mesmo, ficava a aparar com um pano, sempre ensopado, a baba viscosa que escorria pelos lábios desgovernados, mostrando o velho das gengivas banguelas. Um braço caído, sem ajigo. Inútil a perna do mesmo lado. Os olhos embaçados fitavam por baixo, virando o rosto, com inútil esforço. A cabeça, pendida, parecia suportar invisível peso. Olhar penoso.

Surubim, depois que o amigo adoecera, não arredava as patas da cabeceira, em sua guarda permanente. Quando em vez, se fitavam, comunicando-se. Era uma prosa antiga, lilás, de infinita saudade.

Quiseram proibir a presença de Surubim. Levaram-no para longe, a mais de cinco léguas. Ele voltou e veio

gemer no terreiro, terça noite, lágrimas pingando. O doente acordou, pediu por tudo que não deixassem o companheiro sofrer tanto. Botaram-lhe um cambão, amarraram-no no fundo do quintal. Roeu daqui, esticou de lá e a teimosa dedicação acabou trazendo-o de volta.

Houve até quem falasse em matá-lo. Estaria mordido por cachorro doído. Pura desculpa para dar-lhe fim. O velho Clemente sentiu a ameaça e apelou na sua fala de palavras tortas, difíceis de serem entendidas:

– Deixem meu bichinho... ou morro mais depressa. É o único amigo paciente que não me larga quando fico sozinho, dia e madrugada. Os outros são visitas: chegam, demoram um pouco, por caridade, ficam cansados e vão embora.

– Está fedendo a rabugem pistiado com bicho-de-porco. Não deixa

ninguém encostar na cama. Mordeu a enfermeira que lhe aplicava injeção – falara o filho.

Foi feita a vontade e a filha caçula chorou de remorso, porque era ela quem mais reclamava da presença de Surubim.

– Por tudo, deixem meu bichinho aí. Não morro sem comer uma paca levantada por ele e abatida por mim, com a minha espingarda de grande fé que está ali no tomo.

Surubim ficou definitivamente na camarinha, alforriado, botando sentido ao seu parceiro, este já de olhos assustados com a morte que o acuava.

O paqueiro levava suas vilides profissionais, orelhas rasgadas pelos dentes dos caítus, lanho fundo no pescoço. De castanho ficou ruço, cabeça de tapioca, feito o dono. De tanto as pessoas verem-no ao lado do

doente, já os achavam parecidos. O velho Clemente com feições bondosas de cachorro, e Surubim apresentava um quê de rancor humano.

O lampejo naquele instante continuava no olhar dos dois. Entenderam-se. O velho deve ter cattingado como quando ia caçar, só percebido pelo companheiro. Um ficou encandeado no olhar do outro, perdidos, na compreensão do que se diziam. Silenciosamente Surubim terminou vendo o amigo com a espingarda, e pulou em cima da cama, ganindo, voltando ao chão, correndo até a cozinha, retomando, naquele esparrame de cachorro feliz. Novamente voltou ao colo de Clemente, puxando-o, mordendo o cano da arma, latindo sempre, rindo com a cauda, disparando ao quintal com tal velocidade que lá escorregou, batendo os quartos na terra, riscando-a com os pusemos

crescidos pela falta de uso, voltando em cima do corpo, enlouquecido de felicidade. Iam caçar!

A vontade do bicho fundiu-se tanto na do homem, que este já estava de capanga e cartucheira ao ombro, facão ao cinto, chamando:

– Cá, nego!

Madrugadinha. O sol rompendo as entradas da noite, melando de pitanga madura as partes nascentes. Surubim saiu na frente, na vadiação, farejando o amigo, mordiscando seu rolo. Em cada pé de pau levantava a perna, esguichando gozo. Entraram na capoeira, atravessaram a mata, pegaram a serra.

Para o focinho arguto e competente do cachorro, a paca poderia ter deixado o faro há três dias. Veado mateiro, corredor fosse, dos que disparam outro tanto depois de molhar os cascos na água corrente. Qualquer

vicissitude de bicho que pisasse no chão, mas seu prazer maior era sentir o cheiro perfumado de folhoso, já meio mofado, no rastro de um pacaçu, que alegria de cachorro se mostra assim. Fungou em buraco de calango-fudião-do-zói-azul. Correu por baixo de voo de nambu-pé-roxo, bestando, gastando liberdade, que ele não agasalhava fidalguia pra bicho de pena. O seu mesmo era o ligeiro da paca, carreira de muita emoção e risco nos encruado. Labuta fina.

Lá adiante baixou o focinho, fa-rejou acreditando, fungou forte, desentupindo as fuças. Troteou. Levantou os olhos para o alto como se procurasse uma referência da partida, e pegou a trilha, que parecia um pequeno túnel no trançado do cassassá. Chão limpo, escovado, sem um talo ou cisco que dificultasse a fuga ou viagem. Para tanto, a paca é cuidadosa.

Ao contrário da cutia que leva como hábito saltar garranchos encontrados pelos caminhos. Se a paca topa um gravetinho seco de cambará, volta atrás, corta-o com a torquês dentuça, contanto que o passeio ou a carreira fiquem livres. Aquela trilha já pertencera aos antepassados de muitas eras. A bichinha andara ali há dois dias. Tinha caído uma uluvaiada de chuva, dificultando. Não era nada, não. Daria nos tampos dela. Avançou quase encostando a barriga na terra, que seu tamanho não contava vantagem para a roedora. Qualidade, aliás, do preceito. Sabia destorcer-se das maliçonas, quitaras, tiriricas, manés-veios, fechando os olhos, já tão lapeados. Estava na batida certa. Encontrou rastro fresco, da véspera, na paisagem do riacho. Ganiu nervoso, anunciando.

O velho Clemente estimulou, avisando que estava preparado:

– Ê... ê... pium! Ê... ê... pium!

Surubim falou acuado.

– Queu! Queu! queu!...

Novamente o caçador:

– Ê... ô... pium!

Sabiam que em pouco a paca escapularia pela espirra. Paca não é inocente de ficar em oco de pau-d’alho sem prevenir saídas de emergência, sabendo dificuldades. Espirrou num pulo, jogando pra cima o folhiço seco do tapume falso. Surubim conhecia tudo e deu carreira, batendo o gani-do.

O velho Clemente puxou o gatilho da espingarda. Ficou a braça e meia da trilha, bem embaixo.

Lá vem, lá vem. Ouviu o grugrunar do animal em disparada, aflito, perseguido: ér... cré... cré... cré... aproximava-se rápido. Os olhos do caçador grudados na trilha, por onde passaria a perseguida como um coris-

co. Mediu um coito para cima e uma chave para frente, descontando a velocidade da carreira, tudo visando a volta-da-pá. A roda do chumbo cabeça-de-macaco seria pá-casca.

Há quem diga que houve até um tiro. Tanto que correram ao quarto de onde vinham os latidos angustiados de Surubim, que já não era mais na batida da paca. Olhava seu amigo, que foi virando a cabeça, tentando com a mão direita segurar o braço esquerdo, derreando o corpo espumando, suando muito, até que deitou-se meio de bruço, desgovernado, dormindo na mira.

Foi a última caçada do velho Clemente e seu cão Surubim.

Para inaugurar a presente coleção, foi escolhido um pequeno conto de Euclides Neto, que envolve o leitor do princípio ao fim, deixando-o em estado de êxtase ao se deparar com a morte de um velho caçador que, preso ao leito, realiza seu derradeiro desejo: uma bela caçada, acompanhado por Surubim, o seu fiel cão de todas as aventuras vividas e sonhadas. Mas esse mesmo leitor, diante da morte e de seus mistérios, experimenta idêntica sensação de incerteza, fantasia e absurdo, vivida pelos dois personagens da história, o velho Clemente e seu cão Surubim. Enfim, incerteza de como se deram os maravilhosos acontecimentos experimentados por eles e por nós, tocados e aprisionados pelos últimos segredos da vida que se esvai.

Há quem diga que houve até um tiro. Tanto que correram ao quarto de onde vinham os latidos angustiados de Surubim, que já não era mais na batida da paca. Olhava seu amigo, que foi virando a cabeça, tentando com a mão direita segurar o braço esquerdo, derreando o corpo espumando, suando muito, até que deitou-se meio de bruço, desgovernado, dormindo na mira.

Foi a última caçada do velho Clemente e seu cão Surubim.